3º CONCENO
O norte da educação física e ciências do esporte: história e desafios para os dias atuais
Período de 01 a 04 de dezembro de 2010, Castanhal e Belém

IMPROVISAÇÃO: QUE SUJEITO É ESSE?

GT3- Corpo e Cultura

Resumo:

Esta reflexão fundamenta-se no conceito de improvisação e nas inúmeras possibilidades que esta prática proporciona ao ato criativo, encorajando seus interlocutores cênicos – intérpretes-criadores – a participarem do processo. A partir dos laboratórios experimentais aplicados na Ribalta Companhia de Dança, foi possível perceber, por meio de observações, que essa permeabilidade criativa oferece uma teia complexa de movimentos e possíveis significados que revelam pedaços de informações da vida do artista. Articulou-se para análise investigativa da práxis a perspectiva rizomática proposta por Gilles Deleuze.

Palavras-chave: Dança Contemporânea. Improvisação. Rizoma.

Introdução

A improvisação está nos atos da vida que não nos permitem ensaios. Está em nossas relações cotidianas em constantes trocas com o outro e com o ambiente; um tocante-tocado que nos envolve naturalmente, despertando percepções e sensações que nos levam a estímulos transitórios, ricos de possibilidades criativas já existentes; quando estimulada, expressa a pessoalidade de cada interlocutor cênico.

Esses estímulos transitórios demarcam um território fronteiriço, onde perpassam fluxos de imagens, pertencentes a um tempo circular de memórias afetivas, históricas, sociais e culturais, encandeando um circuito de pro-vocações, trans-formações e re-voltas, para além do refúgio. Aplicados às práticas laboratoriais de improvisação, compõem uma rede de conexões corporais que culminam no processo rizomático de criação.

As percepções do corpo geradas nos processos (pedagógicos) criativos em Dança Contemporânea despertaram em mim um desejo permanente de investigação desse corpo que sente, pensa, age, fala, critica, questiona, descobre e se transforma. Eis o foco deste estudo: a reflexão dessa permeabilidade criativa do corpo, descoberta na improvisação, desvelando processos criativos singulares que culminam com a composição de uma rede rizomática de criação. "Um rizoma não começa e nem conclui; ele se dá sempre no meio, entre as coisas" (DELEUZE & GUATARRI, 1997).

A concepção e o método epistemológicos empregados aqui partem do referencial fenomenológico crítico, buscando alcançar as reais experiências vividas – quer se trate do corpo do outro, quer se trate do nosso próprio corpo. E não temos outro meio de conhecer o corpo humano, senão experimentando-o. Nesse contexto, a Ribalta Cia. de Dança dá voz aos seus interlocutores cênicos (intérpretes-criadores), buscando legitimar suas práticas cotidianas em seus laboratórios práticos, partindo da compreensão de que o corpo – tal qual uma janela aberta a ser acessada quando for conveniente –, é memória, principal fonte de coleta de informação do ser humano,

1. Possibilidades para atravessar: percurso de um fluxo criativo

Criar, em dança, é poder ver pedaços de informações de nossas vidas em uma proposição cênica carregada de sensibilidades múltiplas, com conteúdos emotivos e intelectuais que interligam diversas áreas do humano com as diferentes possibilidades da vida, gerando ações transformadoras, quantas vezes forem necessárias. Nesse sentido, há um fluxo de possibilidades de mudanças em relação ao espaço, ao corpo, à forma, à dinâmica dos movimentos, que torna o campo de atuação fértil para a criação. Cria-se uma nova dança, que estará em eterno fluxo contínuo de renovação, pois, diariamente, é possível desencantar um novo aprendiz que passará a ser investigador, intérprete e criador dos fatos reais que acontecem nele, com ele e para ele. É sua própria vida que estará em cena.

> [...] criar é fazer surgir, brotar, formar, configurar. Imaginação é a faculdade de imaginar, representar, evocar imagens já percebidas, criar ou inventar. O imaginário é o terreno/corpo onde habitam nossas memórias, idéias e conteúdos e a partir de onde se corporificam as linguagens. O imaginário criativo é a imaginação criativa do artista corporal, os motivos, os impulsos, os conteúdos, as idéias, os muitos "o quês" do que vamos manifestar em cada criação. É onde cada artista toma consciência do que quer expressar e dos motivos dessa expressão. (LOBO & NAVAS, 2008, p. 31)

O fluxo criativo estimula o intérprete-criador em sua forma de criar e se relacionar com este mundo inscrito nas coisas, nos ambientes e nas pessoas, em constante in-fluência e interação, por meio da linguagem do movimento, em movimento. Abre discussões. Não fecha caminhos. Um

estudo de improvisação em dança é um trabalho de pesquisa que não é produto, mas processo. A riqueza está no desvelar das descobertas, mantendo viva a investigação contínua, intuindo sentidos e devaneando o real. É preciso se apaixonar pelo ato de criar, pelo que está sendo criado, viver intensamente a criação com seus impulsos e respostas.

O ato de criar tem um caráter histórico, cultural, social, político e econômico – dentre outros. Ao envolver a totalidade das personalidades participantes do processo, atinge uma realidade mais profunda de conhecimento das coisas, diferenciando-se, relacionando-se, integrando-se e transmitindo situações da vida que nos atingem diretamente. Lobo & Navas (2008) fazem uma comparação entre o fluxo criativo e as águas de um rio, que em sua natureza corrente é transporte, mensageiro de imagens e informações, criador de novas formas e, assim como o movimento, muda a todo o momento.

1.1 Conexões Corporais: o "contato-improvisação"

Conectar estados corpóreos de percepção, memórias, atenção, escuta, sensibilização e prontidão estimulam os interlocutores cênicos a um encontro de saberes sensíveis, aqui abordados pelo enlace da improvisação com a percepção que, ao interagirem, provocam sensibilidades corpóreas diversas dando acesso a um universo infinito de possibilidades expressivas e criativas que integram a nossa realidade.

Ao se falar de improvisação, dialoga-se, simultaneamente, com a percepção, a sensação, a atenção e a intenção, num fluxo contínuo/descontínuo de construção, desconstrução e reconstrução – significando e re-significando, atando e desatando teias pessoais e coletivas, numa dinâmica de possibilidades de experiências diferenciadas e transformadoras que geram, ao acaso, novos acontecimentos em fluxo livre ou controlado.

As Artes Visuais, o Teatro improvisado e a Dança Moderna e experimental, foram algumas das áreas e propostas artísticas que levaram Steve Paxton à pesquisa de possibilidades de se mover o corpo, fundando o que hoje se conhece por "contato-improvisação". Esse "contato" propõe a "escuta do corpo" em um processo gerador de autoconhecimento; é um convite para que se perceba o corpo na rua, no trabalho, em casa, com uma atenção que se diferencia daquela utilizada entre as quatro paredes da sala de aula. O corpo ganha espaço vivido. "É para a vida", já afirmava Jussara Miller (2007).

A improvisação não é apenas um recurso, mas a própria dança realizada no instante de sua execução, sem obedecer nenhuma seleção prévia de frases. Diferentemente de uma dança coreografada, que acontece a partir de um planejamento prévio de movimentos, fundamenta-se num

trabalho de consciência do corpo no espaço, a partir de técnicas e jogos de composição, explorando as expressões corpóreas geradas em suas relações com o ambiente.

2. Laboratórios de Experimentação

2.1. A Ribalta Companhia de Dança

A Ribalta Companhia de Dança, situada em Ananindeua, Pará, integra, atualmente, doze intérpretes-criadores (ou interlocutores cênicos), um diretor artístico e uma diretora geral que trabalham uma linguagem de pesquisa em Dança Contemporânea voltada para os processos de criação, recepção e transmissão, através de laboratórios corporais. Suas temáticas se diferenciam entre si a cada nova composição cênica, exploradas por técnicas de improvisação, em estreito diálogo com as sensações, as percepções e as mobilidades corporais dos intérpretes-criadores, traduzindo-se, na cena, em elementos corpográficos.

Figura 1: Companhia Ribalta em experimentação (2008)

As experimentações propostas nos laboratórios criativos de Dança Contemporânea nos estimulam a perceber novas opções, a correr riscos, a ter coragem, a sermos autênticos. Essas experimentações criam, por meio de estímulos, um trânsito de informações entre o ambiente e a realidade do intérprete-criador, gerando, a cada novo momento de experimentação, novas construções cênicas.

Relato, a seguir, as experimentações da composição coreográfica *Cogitatum*, realizadas no ano de 2008, sob o enfoque da fenomenologia da percepção, abordagem que nos estimulou e encorajou a trilhar o caminho da autopesquisa.

2.2 Cogitatum

O espetáculo *Cogitatum* abordou o estudo da percepção do corpo a partir de projeções das recordações, sensações, associações, percepções, experiências e falas dos intérpretes-criadores, por meio de um "caminhar" de *corpus* em liberdade. O desvelar de cada interlocutor cênico era traduzido por uma gestualidade carregada de sentidos e sentimentos únicos, resultantes do mergulho prévio em sua própria história. Essa nova "leitura" do texto deu existência a novos horizontes, mesmo que alguns deles – os intérpretes-criadores – necessitassem, num dado momento, se confrontar com o passado, com uma determinada tradição, com reflexões. Esses novos horizontes provocaram mudanças profundas no desenho do espetáculo, o que deu origem a outra composição coreográfica: *Eu Cogito*. Desta falarei num outro momento.

Inicialmente, os interlocutores cênicos foram solicitados a investigar as memórias de suas histórias de vida. Ao recordarem essas imagens foi possível observar alterações em suas expressões faciais, em seus jeitos de olhar, em seus movimentos corporais, em suas atividades respiratórias, em seus modos de falar sobre suas vidas, etc. Essas lembranças produziram em seus corpos estados diversos, tecendo uma relação poética entre a concretude inerente ao corpo e a subjetividade da memória e do imaginário.

Figura 2: Espetáculo *Cogitatum* (2008)

A ampliação da consciência corporal e a compreensão de que o corpo é a nossa estrutura de mundo, somadas à atenção e à intencionalidade dirigidas, nortearam um campo técnico-expressivo de pesquisa, propiciador de recursos preciosos para a investigação desta composição coreográfica, geradora de corpos afinados, integrados, alinhados, centrados, presentes, flexíveis e abertos às possibilidades do devir.

3. Rede Rizomática de Criação

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não é feito de unidades, mas de dimensões, ou, antes, de direções movediças. Ele constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões. Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução; procede por variação, expansão, conquista. Um rizoma não começa nem conclui; ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. (Ver DELEUZE & GUATTARI, 1995).

Considerações

Abordar uma prática que é "processo" e está em contínuo movimento, sendo produzida socialmente em determinado contexto e momento histórico – e não apenas como técnica, gênero ou estilo –, sem que se parta de um modelo ideal de corpo, nos possibilita ultrapassar limites e reconfigurar relações com o mundo de formações e informações diversas no qual está inserida.

Dançar na contemporaneidade significa lidar com a "complexidade". Escolhas estéticas revelam posturas éticas. Afinal, o pensamento se faz no corpo e o corpo que dança se faz pensamento. Essas noções precisam ser melhor compreendidas, especialmente hoje em dia, em que são impostas tantas barbáries ao corpo.

Fundamentados na técnica do "contato-improvisação", concebida e desenvolvida por Steve Paxton e seus colaboradores, encontramos a valorização de um movimento autêntico como expressão maior do interlocutor cênico. Os laboratórios práticos possibilitaram o desenvolvimento de nossa autopercepção e de nossa capacidade criativa, promovendo a abertura de espaços sensíveis que favoreceram a construção de uma rede de conexões que toca todas as áreas da vida humana.

O diálogo corpóreo abordado neste estudo objetivou trazer para o texto algumas das possibilidades de formação de uma rede de conexões corporais, expressando a idéia de que nenhum dos elementos aqui citados consegue atingir sua plenitude isoladamente, mas que, ao contrário, ao se conectarem em rede, possibilitam a construção, a cada nova experimentação cênica vivenciada, de processos criativos diferenciados.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs.* Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
LOBO, Leonora; Navas, Cássia. *Arte da Composição*. In: Teatro do Movimento. Brasília: LGE Editora, 2008.
MILLER, Jussara. *A Escuta do Corpo:* Sistematização da Técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

Mayrla Andrade Ferreira[1] *– mayrla@ufpa.br*

[1] Diretora Artística da Ribalta Companhia de Dança (Belém, PA). Integrante do Grupo de Estudos e Projeto de Pesquisa e Extensão, CIRANDA (Círculo Antropológico da Dança), coordenado pela professora Dra. Giselle Guilhon Antunes Camargo (ICA/UFPA).